

CENAS DA VIDA URBANA: RETRATOS DE SÃO PAULO NA DÉCADA DE 1940

Maria Clara Lysakowski Hallal¹

1. São Paulo: transformações sociais e urbanas no século XX

O início do século XX caracteriza-se por ser marcado por diversas intervenções urbanas, a exemplo das cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, por exemplo. Tais projetos inspirados na Belle Époque, de Paris, onde, inspirou pelo mundo projetos de urbanização e modernização. Iniciativas oriundas do fim da Primeira Guerra Mundial, que a necessidade de mudanças e transformações na sociedade eram necessárias. No caso brasileiro, tinha-se a intenção de construir uma identidade de nação; perspectiva desde os preceitos teóricos, filosóficos, artísticos, culturais e por meio da arquitetura e construção de símbolos nas cidades que demarcassem o moderno, a nova fase e a nova nação.

Diante disso, a década de 1930 e, principalmente, a partir de 1940 no Brasil foi um período transformador e que marca a transição entre o antigo para a modernização. Bordo credita tal fato “pela intervenção do Estado na economia, com a instalação de empresas, tais como: siderurgia, indústria química, mecânica pesada, metalurgia, mineração, geração de energia (petróleo, hidrelétricas) e outras” (BORDO, 2005). Concomitante ao desenvolvimento industrial, tem-se o aumento da mão de obra, atraindo desempregados ou cidadãos com perspectivas de melhoria de vida da zona rural. Possibilitando, assim, um crescimento e desenvolvimento do processo de urbanização brasileira, pois, novos moradores exigiam novas construções e com o grande volume de investimentos no Estado, tem-se novas construções e progressos oriundos da crescente industrialização e urbanização.

Devido as modificações da estrutura produtiva, o processo de urbanização intensificou-se e, acelerou-se, entre as décadas de 1930 a 1950. A historiografia em

¹ Mestra História UFPEL. Email: clarahallal@hotmail.com

relação ao período é controversa, alguns autores² acreditam que, no início de 1930 o Brasil viveu uma profunda crise, grande parte devida a crise de 1929, que afetou a industrialização e a economia brasileira. Alguns autores, entendem que a situação foi logo superada, porém, através de análise aprofundada em jornais da época nota-se reclamações a respeito dos vadios e desocupados presentes na cena urbana (ZANIRATO, 2000, p. 246).

Dessa forma, a crise econômica, persistiu, até meados do começo do Estado Novo³, quando, conforme afirma Edgar Carone, “foi superada com a emergência da guerra e a demanda interna e externa que então se seguiu, até começo de 1939 a recuperação foi "relativa" e que apenas em 1941 "as máquinas trabalhavam ininterruptamente 24 horas por dia”. (CARONE, 1976, p. 119)

Obras como o estádio do Pacaembu (1939), Palácio da Imprensa (sede da Gazeta), assentamentos de trilhos e verticalização da arquitetura residencial com a construção de edifícios suntuosos, foram realizadas⁴. Importante ressaltar, que, conforme Negri e Pacheco, o crescimento industrial do estado de São Paulo “ocorreu principalmente, nos municípios localizados no entorno da capital paulista, notadamente no ABCD (Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul e Diadema) ” (Negri e Pacheco, 1994, p. 64).

Prestes Maia, criou em 1930 o primeiro plano urbanístico para São Paulo, que buscava remodelar a área urbana e promover o progresso e desenvolvimento cidadão. Como prefeito da cidade durante 1938 a 1945, realizou obras de remodelação urbana de São Paulo, inspirou-se em Paris com as avenidas radiais, em Viena e seu anel viário em torno do centro e Chicago, cidade dos EUA.

Por conseguinte, entende-se, que o desenvolvimento urbano ocorreu em todo o estado, obviamente, concentrando-se na capital, São Paulo. Essa, nesse período, considerada metrópole, segundo as definições de Santos (1993) que considera apenas as cidades com mais de um milhão de habitantes como metrópole.

² Consultar a respeito SIMÃO, 1966; DEAN, Waren. 1971. *A industrialização em São Paulo*. São Paulo: Difel; GRAHAN, Douglas e HOLLANDA FILHO, Sérgio Buarque de, 1971, e STOLKE, Verena. 1986. *Caféicultura, homens, mulheres e capital. 1850-1980*. São Paulo: Brasiliense.

³ Sistema político de caráter ditatorial que foi implantado no país, na pessoa do Presidente Getúlio Vargas, a partir de 10 de novembro de 1937, que duraria até 29 de outubro do ano de 1945.

⁴ Desde a década de 1910 tem-se a construção de edifícios com mais de 4 andares na área central da cidade, contudo mantendo-se restrito a escritórios. A partir de 1930 o processo tornou-se irreversível e expandiu-se para além do limite do centro de São Paulo.

2. Hildegard Rosenthal: registros de uma cidade misturada entre os tempos antigo e moderno

Como fotógrafos que registraram o urbano em fins do século XIX e início do XX, tem-se, em Paris, o fotógrafo Brassai. Registrando as ruas de Paris, o profissional retratou fotografias noturnas, ruas vazias, iluminadas pelos postes, mulher nuas em boate, um mundo à parte dos registros diurnos. Já, no Brasil, Kurt Klagsbrunn, austríaco e correspondente da revista *Life* no Brasil, registrou clicks da cidade do Rio de Janeiro, e em São Paulo, tem-se, fotógrafos, como Militão Augusto de Azevedo (1837-1905), Guilherme Gaensly (1843-1928) e Aurelio Becherini (1879-1939) e Hildegard Rosenthal (1913-1990) que historiaram e gravaram imagens da cidade e interior de São Paulo.

Rosenthal, de origem suíça alemã chegou ao Brasil, fugida do nazismo, durante o período do Estado Novo. Logo suas fotos começaram a aparecer na imprensa, em jornais como *Folha da Noite*, *Folha da Manhã* e revistas, como *A Cigarra*, *Rio e Sombra*, assim como na imprensa internacional, na revista *Geography Magazine* (Londres) e jornal *La Prensa* (Buenos Aires) (Oliveira, 2010, p.20). Sua grande produção de imagens foi durante as décadas de 1930 e 1940 e, devido a importância do período para o estado de São Paulo, torna-se necessário um estudo aprofundado das suas imagens do período, principalmente da cidade de São Paulo, que os elementos de modernização, urbanização e, contrastes e diversas temporalidades do antigo e moderno, assim como, representado sob os trabalhadores e construções estavam mais presentes.

Hildegard não fotografava apenas o progresso, modernização ou grandes monumentos. A fotógrafa registrava pequenos detalhes, enquadramentos diferentes, jogo de luz e sombra e transeuntes. Fatos que corroboram o estudo da modernização e urbanização de 1940 da cidade de São Paulo sob a ótica de Hildegard, visto que é necessário ver-se os recortes e detalhes feitos pela fotógrafa.

Diante disso, o livro “*Metrópole: Hildegard Rosenthal*”, organizado por Maria Luiza Oliveira sob a divisão de quatro temas: *Cenas Urbanas*, *Edifícios/Grafismos*, *Interior*, *Noite/Chuva* e *Retratos*, apresenta um recorte do já retalho da realidade que a

fotógrafa optou por evidenciar. Entendendo que conforme Susan Sontag “A representação da realidade pela câmera deve sempre ocultar mais do que revelar”. (SONTAG, 2004, p.34). As primeiras fotos escolhidas diante do universo de imagens que o livro possui, evidencia a verticalização da cidade de São Paulo na década de 1940.

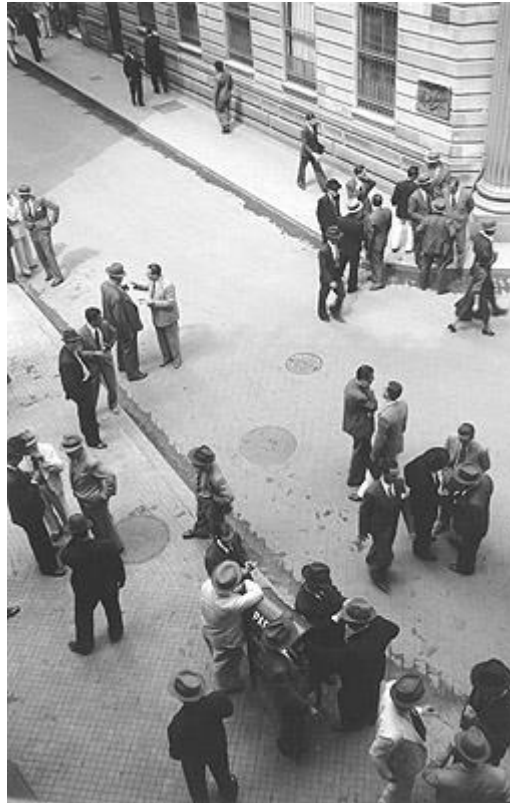


Imagem 1: Ponto de Encontro, São Paulo, Sp, 1940. Fotografia: Hildegard Rosenthal.

Ressalta-se o verticalismo da rua, porém, nesse caso, o homem (a fotógrafa) está em posição superior, como se estivesse observando os componentes/cidadãos da cidade. Também, a imagem foi tirada evidenciando a esquina, isto é, o cruzamento das ruas, demarcando as possibilidades, tomar um rumo ou outro e, a indefinição das ruas e suas congruências.

Ao mesmo tempo que a esquina é lugar de encontros, também é um momento de possibilidades e escolher para qual rumo seguir. Fazendo analogia com os anos 1940, pode-se compreender, por meio das fotos de Hildegard, que as esquinas podem representar as certezas e incertezas inerentes da vida, no caso do Brasil, a incerteza seria o momento político tenso que ocorria com o Estado Novo, e a certeza seria o progresso

e desenvolvimento em curso. Obviamente, esses caminhos se cruzam, ocasionando mudanças na rota a todo o instante.

A verticalização de São Paulo estava em curso, ao mesmo tempo que representava o progresso e moderno, também, poderia significar o medo para o desconhecido e a sensação de sufocamento, como demonstrado na imagem 2.



Imagem 2: Rua Marconi, antes da abertura que à ligaria a Avenida São Luiz; ao fundo. A Praça D. José Gaspar, São Paulo, 1940. Fotógrafa: Hildegard Rosenthal.

A fotografia está em plano superior ao objeto fotografada, transmitindo sensação de estreitamento com a rua. Tem-se a impressão da rua estar formando um vale, com as sombras e carros lá embaixo. A imagem, apresenta de forma nítida a verticalização da cidade e a presença, cada vez maior, de automóveis, fazendo com que esse jogo de sombras na fotografia evidencie o contraste entre o moderno e a verticalização da cidade versus a sensação de sufocamento que isso provoca.

De certa forma, é como se Rosenthal estivesse “espionando” essa cidade moderna dos edifícios imponentes e as ruas cheias de carros. É um olhar estrangeiro

sobre o estrangeirismo que se instaurou sob São Paulo. As construções estavam presentes nas imagens, o processo de verticalização assim como, os trabalhadores e indivíduos inseridos nesse contexto, como evidenciado pelas imagens 3, 4 e 5.



Imagem 3: Biblioteca Municipal em construção, na rua da Consolação, São Paulo, SP, 1940. Fotógrafa: Hildegard Rosenthal.



Imagem 4: Instalação de manilhas do sistema de coleta de esgoto, São Paulo, SP, 1940. Fotógrafa: Hildegard Rosenthal.



Imagem 5: Praça João Mendes, 1940. Fotógrafa: Hildegard Rosenthal.

A cidade, para Rosenthal, não existe apenas nos monumentos ou prédios de grande porte, mas, sim, nos detalhes e conjecturas. Nas construções, no trabalho pesado e nas modificações das vistas urbanas. Como no caso das fotos 3,4 e 5. A transformação da cidade estava visível, mas, além disso, Rosenthal registrava quem fazia parte dessa nova São Paulo, e, também, como no caso da foto – a contraposição entre a verticalização, com construções e a evidencia de prédios modernos, mas, também, o descaso, com um terreno, possivelmente, abandonado e sem ocupação, existindo, dessa forma, uma mistura de tempos em uma mesma imagem.

A respeito do ato de fotografar, considera-se que é tomar posse de um momento vivido, um recorte do tempo, espaço e lugar, que possibilita inúmeras narrativas e sentidos para a imagem. Nessa direção, merece atenção o trabalho de André Rouillé, intitulado “A fotografia: entre documento e arte contemporânea” (2009), que explicita:

A imagem fotográfica não é um corte nem uma captura nem o registro direto, automático e analógico de um real preexistente. Ao contrário, ela é a produção de um novo real (fotográfico), no decorrer de um processo conjunto de registro e de transformação, de alguma coisa do real dado; mas de modo algum assimilável ao real. A fotografia nunca registra sem transformar, sem construir, sem criar (ROUILLÉ, 2009, p. 77).

A fotografia não registra coisas preexistentes, ela transforma e faz ser alguma coisa. O objeto fotografado é resultado de um posicionamento ideológico, visão técnica, estética e objetivos do fotógrafo. Obviamente que há objetos apresentados na fotografia, por exemplo, uma rua, novos bairros, iluminação diferenciada, contudo, não é, por exemplo, o edifício real que está na imagem, mas o edifício traduzido por um olhar e determinada estética. Em relação a estética e a escolha dos indivíduos, presentes na cidade, a serem retratados tem-se a questão dos imigrantes na cidade. Através de ângulo peculiar, visto que a própria fotografa era imigrante, pode-se tecer algumas considerações a respeito da próxima imagem.



Imagem 6: Bairro da Liberdade, 1940. Fotografia: Hildegard Rosenthal.

Rosenthal, em tal registro, retratou uma descendente de imigrantes asiáticos. Seria a imigrante registrada sob o olhar de uma estrangeira. No censo de 1934, 55,33% da população eram filhos de imigrantes (TOLEDO, 2015). Porém, o inexpressivo apoio do governo aos imigrantes e a Segunda Guerra Mundial levaram ao declínio das grandes imigrações. Por outro lado, o número de brasileiros oriundos de outros estados ganhava força, devido a todo o processo de desenvolvimento de São Paulo.

Na mesma imagem, também, tem-se, presença de trabalhadores entrando no caminhão que, possivelmente os levaria aos seus respectivos trabalhos. Em relação as crianças na imagem, contrastando a áurea infantil de brincadeiras está a responsabilidade sob a figura da menina maior cuidando de outras crianças. Dessa forma, um jogo de luz e sombra; responsabilidades e diversão, as vezes confundindo os papéis, são constituintes dessa nova forma de ver a cidade. A próxima imagem cunha a interação dos habitantes dessa cidade com o ambiente que a cercam, a fotografa, dessa forma, não quis registrar apenas prédios e construções, mas sim, as pessoas dessa cidade.



Imagem 7: Zona cerealista, à esquerda, o Mercado Municipal, São Paulo, SP, 1940.

Hildegard utilizou-se das suas imagens como forma de mostrar, sob os olhos de uma estrangeira, os estrangeirismos presentes na cidade de São Paulo das décadas de 1930 e 1940. Nesse caso, o estrangeirismo não é somente uma questão étnica, mas sim, dos marginalizados da sociedade; carroceiro, vendedores ambulante, quitandeiras com suas mercadorias e o cidadão comum. Nesse mesmo cenário, na imagem 7, ao fundo, está uma construção, símbolo do capital e do moderno. Destarte para as contradições presentes na mesma imagem, o moderno e o trabalhador, por vezes, sofrido e participante à espreita desse processo de modernização.

As cidades eram palco das transformações ocorridas na primeira metade do século XX. Por meio dessas transformações urbanísticas, podia-se “ver” o que até então eram promessas e imaginação. Reinaldo Lohn exemplifica que:

Os projetos das novas cidades conteriam atributos e valores sociais e humanos que promovessem melhorias nas condições de vida da população pobre, através de conjuntos habitacionais, oferta de serviços públicos e promoção do pleno emprego, garantido pela indústria. Ainda e sempre, uma ordem burguesa e disciplinadora, mas realizada através de meios diferentes daqueles empregados até então (LOHN, 2007, p. 309).

Conforme Lohn, durante os projetos das novas cidades, a ordem burguesa e disciplinadora mantiveram-se, isto é, certo grupo no poder detém o controle do Estado. Contudo, o que antes era por meio autoritário e sem oportunidades de melhoria de vida, passou a ser sob novo viés: a indústria oportunizava benefícios para a população carente.

O processo de industrialização propiciou transformações no nível de alfabetização, poder de compra e necessidades de informação. Tinha-se, no imaginário, pelo rádio, televisão e jornais, a ideia de que era necessário extinguir o passado pobre, uma vez que o futuro já havia chegado. Esse estava na modernização e progresso das cidades.

Através das imagens de Rosenthal, vê-se uma mistura de temporalidades; o progresso, sob a forma de novas construções de edifícios, a perpetuação das classes mais baixas, sob a forma do carroceiro ou vendedores de ambulantes. Assim, a fotografia evidencia o contraste do moderno e a efemeridade de um tempo antigo não tão distante assim.

Ainda assim, era estimulado o trabalho como forma de obter melhores condições de vida e progresso pessoal e para as cidades. Em concordância com tal pensamento, Aggio explicita:

A erradicação da pobreza só se efetivaria por meio de uma forma de assegurar uma vida digna ao homem brasileiro, que somente seria possível por intermédio do trabalho (AGGIO, et. al. 2002, p. 38).

A cidade só cresceria e obteria um avançado progresso com o trabalho do homem, e esse só seria considerado cidadão ao possuir um ofício. Rosenthal retratou esses trabalhadores em contraste com o moderno, essa mistura de tempos esteve presente nas imagens da fotografia.

Considerações Finais

As imagens de Hildegard evidenciam a composição dessa São Paulo dos anos 1940, onde a industrialização, progresso, crescimento e desenvolvimento das cidades estava presente. Por outro lado, os trabalhadores mais simples, carroceiros, quitandeiros

e crianças, com responsabilidades aquém da sua idade também compunham esse cenário.

A mistura de tempos, o “brincar” com as sombras e luzes, a negação do uso do flash (estava em voga na época), o “procurar” o indivíduo dentro da cidade, evidenciando contrastes dos edifícios imponentes, a verticalização da cidade, o fluxo constante de carros e pessoas, evidenciam as diversas nuances das cidades, no caso, São Paulo, da década de 1950.

Hildegard não objetivava retratar o moderno, a fotografa retratou a cidade, com suas características modernas e de progresso, assim como a vida dessa cidade, composta dos mais heterogêneos grupos. Portanto, por meio das imagens de Hildegard pode-se realizar conjecturas dessa São Paulo da década de 1940 onde o progresso e a modernização estavam presentes, mas no mesmo cenário, porém, por vezes, observando ao longe e espiando estavam os trabalhadores e cidadão comuns. Indicativos que a cidade e o progresso não eram para todos, mas, de certa forma, todos compunham esse cenário.

Fonte utilizada:

OLIVEIRA, Maria Luiza Ferreira. *Metrópole: Hildegard Rosenthal*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2010.

Referências Bibliográficas:

AGGIO, Alberto et. al. *Política e Sociedade no Brasil (1930 – 1964)*. São Paulo: Annablume, 2002.

ANELLI, Renato Luiz Sobral. Redes de Mobilidade e Urbanismo em São Paulo: das radiais/perimetrais do Plano de Avenidas à malha direcional PUB. *Arquitextos*, São Paulo, ano 07, n. 082.00, *Vitruvius*, mar. 2007 <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/07.082/259>.

BORDO, Adilson Aparecido. OS EIXOS DE DESENVOLVIMENTO E A ESTRUTURAÇÃO URBANO-INDUSTRIAL DO ESTADO DE SÃO PAULO, BRASIL. *Scripta Nova. Revista eletrônica de Geografia y Ciencias Sociales*. Universidad de Barcelona. Vol. IX, núm. 194 (79), 1 de agosto de 2005.

EDGAR, Carone. *O Estado Novo, 1937 – 1945*. Rio de Janeiro: Difel.

LOHN, Reinaldo Lindolfo. Limites da utopia: cidade e modernização no Brasil desenvolvimentista (Florianópolis, década de 1950). *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 27, nº 53, p. 297-322, 2007.

NEGRI, Barjas ; PACHECO, Carlos Américo. *Mudança tecnológica e desenvolvimento regional nos anos 90: a nova dimensão espacial da indústria paulista*. Espaço & Debates. São Paulo, XIV (38), 1994.

ROUILLÉ, André. *A fotografia: entre documento e arte contemporânea*. São Paulo: Senac, 2009.

SONTAG, Susan. *Sobre fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

TOLEDO, Roberto Pompeu. *A Capital da Vertigem: Uma história de São Paulo de 1900 a 1954*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

ZANIRATO, Silvia Helena. São Paulo 1930/1940: Novos atores urbanos e a normatização social. *História Social*. Campinas – SP. Nº 7 241-264 2000